

P U B L I C A Ç Ã O

CEA/PLA

CENTRO DE ESTUDOS, ATENDIMENTO E PESQUISA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

ANO 9

NÚMERO 9

SETEMBRO 1996

COMISSÃO EDITORIAL

Adriane Kiperman Rojas
Ana Rita Taschetto
Ângela Barbosa
Cátia Olivier Mello
Morgana Gottardo Bortolini
Norma Utinguassú Escosteguy

Sede: Rua Coronel Bordini, 434 - CEP 90440-002 - Porto Alegre - RS - Tel.: (051) 343.6490

SAÚDE MENTAL E DEPRESSÃO EM CRIANÇAS

Possíveis componentes emocionais/cognitivos no sentido de atividade: o sentido de abundância e a capacidade de pensar entre parênteses¹

Anne Alvarez² e Piera Furgiuele³

RESUMO

Este trabalho examina alguns possíveis componentes de natureza emocional/cognitiva que podem ser significativos para a saúde mental e depressão em crianças. As observações de três crianças serviram para ilustrar dois possíveis elementos no sentido de atividade: o sentido de ação mental em relação a um objeto e o sentido de ação mental em relação a dois objetos. Este último tem sido ligado com o conceito de Bruner do sentido de reserva (1979). O material do primeiro bebê, Alice, ilustra a capacidade dos pais para oportunizar a capacidade de manter os objetos em suas mentes tanto em primeiro plano (1) quanto em segundo plano (2a); também ilustra a existência de desenvolvimentos relacionados à capacidade de pensar com duas trajetórias na própria Alice. A experiência e desenvolvimento de Paul parecem ter sido prejudicados em ambos os aspectos. O material de Angela, a terceira criança, é rico em capacidade de manter os objetos em sua mente⁴ e para com ela mesma (1); e em idéia de que um objeto pode esperar pela sua volta (2b). O sentido de reserva tem sido ligado com o sentido de atividade, e o artigo sugere elementos emocionais que podem ser significativos para este desenvolvimento aparentemente cognitivo. O empobrecimento emocional e cognitivo num dos bebês contrastou com o sentido de multiplicidade, plenitude e aparente desenvolvimento do complexo "pensamento entre parênteses" nos outros dois. Talvez ação e inteligência estejam ligadas a um cuidador compreensivo, o qual sente que tanto a criança quanto seus interesses são compreensíveis, valendo a pena esperar por eles.

INTRODUÇÃO

Considerando-se alguns aperfeiçoamentos (Rutter, 1981) das descobertas de Spitz (1946) e Bowlby (1969), já existe atualmente uma razoável aceitação de que a privação materna desde tenra idade pode ter consequências para o bem estar emocional e (con-

forme estudos mais recentes) intelectual da criança. A condição resultante dessa privação nos bebês foi chamada de depressão anaclítica, hospitalismo e marasmo; e o tipo de privação materna estudado diz respeito à real ausência materna. Somente em décadas recentes os pesquisadores começaram a examinar privações mais sutis, tais como o

1 Agradecemos à Dra. Pia Massaglia do Departamento de Neuropsiquiatria infantil, Universidade de Turin, e Beverly Mack do Curso de Observação de Tavistock pela permissão para usar o material. Paul foi observado pela Dra. Furgiuele.

2 Consultora e Psicoterapeuta infantil, Clínica Tavistock, Londres.

3 Mestre organizadora, Escola de Psicoterapia Infantil, Universidade de Turin, e Presidente, APPIA (Associação para a Psicoterapia Psicoanalítica na Infância e na Adolescência).

4 Mindfulness, no original (nota da revisão da tradução).

desligamento ou a depressão materna crônica. Murray e Trevarthen descobriram que a falha na comunicação com bebês de 8 semanas, devida à falta de resposta ou uma resposta paradoxal por parte da mãe, pode conduzir a expressões de confusão, angústia e choro, abatimento ou introspecção. Murray também usou a imobilização voluntária do rosto da mãe para observar expressões estereotipadas ou de infelicidade em bebês de 7 a 12 semanas. O bebê fica infeliz, parece perplexo, olha fixo para sua mão fechada, evita os olhos da mãe, porém dá rápidos relances para eles e faz caretas contorsionadas (Murray e Trevarthen, 1985). Essas foram somente perturbações temporárias, porém Murray mostrou, subsequente, os efeitos devastadores da real depressão materna pós-natal no desenvolvimento emocional e cognitivo dos bebês (Murray, 1991).

Outros pesquisadores têm estudado os efeitos trans-geracionais, e acentuado o elo fechado entre emoção e cognição. Tem sido demonstrado que a capacidade materna de refletir sobre si mesma (Fonagy e cols, 1991) ou a capacidade de monitorização meta-cognitiva (capacidade de reflexão dos pais sobre as suas próprias vidas) é que produzem a qualidade da categoria de apego, ou seja, o nível de segurança e confiança básica de suas crianças (Main, 1991).

Seligman (1975) sugeriu que o fator importante na etiologia da depressão infantil não era a falta de estímulo para a criança, mas sim a falta de sincronia, a falta de controle, alguma coisa que ele denominou de "desamparo aprendido".

Este trabalho tenta identificar alguns componentes no que foi denominado como sendo o "sentido de atividade" da criança.

A criança normal é, de uma certa forma, desamparada e dependente, porém ela também é competente, pensativa, perspicaz e,

quando as condições o permitem, cheia de curiosidade apaixonada sobre seu mundo. Pesquisadores na área do Desenvolvimento passaram décadas tentando analisar e isolar os elementos das condições essenciais para um desenvolvimento cognitivo/emocional saudável. O sentido de eficácia – ou atividade – é um destes elementos identificados por Broucek (1979). O autor sugeriu que o que ele denominou de o "sentido de eficácia" – e o prazer associado a ele – são os alicerces da "percepção de si mesmo".⁵ No seu livro, (Broucek, 1991) ele cita Jonas, o qual pensa que o princípio do conceito da causalidade é a experiência do corpo mostrando-se a si mesmo em ação (Jonas, 1974). Broucek também descreve as observações de Tompkins sobre bebês, que logo após o nascimento "substituem a sucção reflexiva por uma sucção voluntária, e a trajetória visual reflexiva pela trajetória visual voluntária". Tompkins aparentemente insiste que, desde os primeiros momentos de vida, os bebês estão empenhados em melhorar as coisas que fazem, fazendo-as eles mesmos (Tompkins, 1981). Broucek acha que essa é uma das primeiras manifestações da intenção e do desejo – uma teoria fascinante sobre as origens da percepção de si mesmo. Além disso, Broucek (1991) é claro quando diz que o bebê está normalmente atuando sobre ALGUÉM. Nós poderíamos acrescentar, portanto, a importância equivalente da "percepção de objeto"⁶ – isto é, sentimentos sobre assuntos humanos intrínsecos ou figuras representativas, nas quais o bebê vê-se atuando junto. Claramente, as experiências causais não são puramente físicas; também são mentais. O bebê tem uma imensidão de experiências de sua mente mostrando a si mesmo em ação e produzindo efeitos noutra mente.

No trabalho de 1979, Broucek reviu um certo número de estudos de pesquisa sobre

5 Self-feeling, no original (nota da revisão da tradução).

6 Object-feeling, no original (nota da revisão da tradução).

"contingência" (Broucek, 1979). Ele descreveu o deleite do bebê ao descobrir que ele mesmo pode ser o agente causador de eventos. O bebê mostra muito prazer – sorriso, excitação e arrulhos – ao descobrir que existe uma relação de contingência entre seu próprio comportamento, inicialmente espontâneo, e um evento no mundo exterior, bem como a "subseqüente habilidade para produzir quando quiser um evento externo através da repetição de um ato antecedente... A conclusão que parece inevitável é que o prazer infantil, nesta situação, é o prazer em ser a causa". Ele enfatizou a importância da vontade nos bebês – um assunto relativamente inexplorado na psicologia e na psicanálise – e descreveu o que acontece quando são negadas ao bebê oportunidades adequadas para a experiência da eficácia: se o bebê for muito novo, a capacidade de iniciativa pode atrofiar. Papousek e Papousek, num experimento de laboratório, deram primeiro aos bebês a oportunidade de causar um evento que pudesse ser levado a cabo. O prazer dos bebês era, aparentemente, insaciável (o experimento mostrou que não havia nada de especialmente gratificante sobre o evento em si, era a habilidade de fazê-lo acontecer que interessava aos bebês). Os experimentadores, então, privaram os bebês de sua satisfação, e viram que as primeiras reações foram respiração intensificada, variação do pulso e transpiração. Porém, uma situação ainda mais preocupante apareceu: alguns dos bebês começaram a fingir-se de doentes; ficavam deitados, imóveis, com os olhos fixos e a respiração como se estivessem dormindo. Papousek e Papousek sugeriram que esse estado passivo, uma espécie de "separação interna total do meio ambiente" parecia aparecer mais em bebês com menos de dois meses de idade; os bebês de mais de três meses de idade, colocados em situações frustrantes semelhantes pareciam ser ativamente mais capazes de evitar tudo que tivesse conexão com o problema insolúvel. Desta forma, relutância ativa e incom-

preensão passiva foram vistas como diferentes maneiras de reagir a um sentimento de ineficácia; o resultado em ambos os casos foi uma diminuição da atenção e orientação (Papousek e Papousek, 1975).

[Podem existir aqui, algumas questões interessantes para diagnóstico e consideração clínica. Os médicos, algumas vezes, consideraram como sendo uma aquisição e um desenvolvimento quando o desligamento de uma criança autista deixa de ser mais automático e desamparado para ser mais ativamente intencional quando, por exemplo, o olhar parado é substituído por um olhar que se desvia deliberadamente (Reid, comunicação pessoal; Alvarez, 1992, p. 98)].

Escritores psicanalíticos têm discutido questões similares, porém levemente diferentes, ao sentido de atividade ou eficácia. Freud escreveu sobre domínio (1920), Kohut (1985) sobre a necessidade de self-objetos. Melanie Klein deixou bem claro que ela distinguia defesas onipotentes de potência genuína na sua "Narrativa de uma análise infantil" (1961). Alvarez tem enfatizado o perigo para o terapeuta de confundir o triunfo da criança, no seu sentido de onipotência, com o prazer e orgulho partilhado, no sentido de potência – e a importância deste último na recuperação de determinados tipos de depressão severa na infância (1992).

Broucek, no seu livro que surgiu após um trabalho de 12 anos (1991), deixa claro que a eficácia dos esforços infantis frente ao mundo dependem da responsividade materna sensível e "suficientemente boa". Ele afirmou (1979): "eu causo e eu pretendo, portanto eu sou", porém também destaca que os bebês estão geralmente interagindo com os seus cuidadores, não com as luzes faiscantes dos experimentos do laboratório. Poderia-se portanto, expandir o enunciado para que fosse: "eu causo coisas em minha mãe, portanto começo a sentir que eu sou, e também começo a sentir que ela é".

Este trabalho tenta identificar dois possíveis componentes nesta relação causal. O primeiro é a disponibilidade do cuidador para responder com interesse às iniciativas do bebê e a sua impressão de ser o agente causal que provoca tais respostas. Este componente diz respeito aos momentos em que o bebê está em primeiro plano no interesse do cuidador, conforme o argumento de Broucek.

1) O primeiro componente, portanto, diz respeito a uma relação de dois objetos, na qual o bebê pode sentir-se agindo em relação a um objeto.

2) O segundo componente, ou melhor, um conjunto de componentes, diz respeito a uma relação tríplice, onde o cuidador ou o bebê é um agente em relação a dois objetos e se engaja no que Jerome Bruner denominou como "pensamento com duas trajetórias" (1968). Dois comportamentos levemente diferentes dos cuidadores podem ajudar a facilitar o desenvolvimento desta capacidade no bebê:

2a) o primeiro diz respeito à capacidade do cuidador para manter o bebê como pano de fundo da sua mente nos momentos nos quais algum outro objeto está em primeiro plano. É possível que a confiança do bebê, ao esperar por isso, facilite sua conseqüente identificação com um objeto capaz de tal pensamento com duas trajetórias.

2b) O segundo comportamento diz respeito à boa vontade do cuidador para ficar de lado e esperar (interessadamente) enquanto a atenção do bebê está noutro lugar. Assim, para repetir, na primeira situação, (como nos exemplos de Broucek) o bebê pode experimentar ação em relação a um objeto. Em 2a ele pode experimentar a si mesmo como pano de fundo na mente de uma pessoa e assim vir a identificar-se com a capacidade das duas trajetórias; em 2b ele pode ser capaz de experimentar ação em relação a dois objetos, (um em primeiro plano, o outro "aguardando" em último plano).

Nos três bebês que serão descritos abaixo, tanto o primeiro quanto o segundo tipo de ação foram observados como contendo características emocionais e cognitivas: primeiro, o objeto que atuou junto deles era compreensivo, reativo e mentalmente interessado; segundo, uma riqueza emocional, um sentido de abundância, em ambos, tanto no cuidador quanto no bebê, foi acompanhada por uma facilidade de acesso a uma riqueza de idéias. Um senso da plenitude e aperfeiçoamento do mundo parece estar conectado com o sentimento de estar cheio de idéias, não idéias que se aglomeram de forma confusa, solicitando uma atenção equivalente para todas, mas sim idéias que esperam sua vez na fila, mas ainda não desaparecem. Isto pode ser relacionado com o que Bruner (1968) chamou de capacidade para "pensar entre parênteses", ou seja, gerenciar dois ou mais trens de pensamento ao mesmo tempo. Os três bebês servirão para ilustrar estes fenômenos. Alice, a primeira, e Angela, a terceira, foram ricas em ambos sentidos de ação; Paul, o segundo, foi pobre em ambos.

O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO COM DUAS TRAJETÓRIAS

Recentemente, Beverley Mack, um observador num seminário na clínica Tavistock, impressionou-se ao assistir um incidente no qual Alice, um bebê de um ano e uma semana, demonstrou a capacidade por uma parte interessante do pensamento com duas trajetórias. A observação teve lugar num dia quando a sala da família estava cheia de gente. Seus afeiçoados avós paternos estavam de visita, seu pai tinha voltado do serviço e sua mãe e seu irmão mais velho, Andrew, de quatro anos, estavam também presentes. Num determinado momento, na metade da brincadeira de esconde-esconde, Alice caiu e machucou-se. Sua mãe a consolou, deu-lhe uma bebida e a carregou no colo de volta para a sala:

"A mãe sentou perto do pai e Alice sentou encostada no corpo da sua mãe, bebendo sua bebida. Ela ainda tinha lágrimas nos olhos e nas bochechas, porém estava voltando ao normal. Bebia tranquilamente sua bebida e observava as atividades de Andrew. Após uns poucos minutos, Alice colocou sua xícara numa saliência do grande carro de brinquedo de Andrew (que era quase do tamanho de uma mesa grande), descansou por alguns minutos e – sem olhar – pegou novamente a xícara (certeira), segurou-a e começou a beber novamente".

O observador ficou impressionado com a capacidade de Alice de lembrar, sem olhar, exatamente onde ela tinha deixado a xícara, enquanto parecia estar prestando atenção para alguma outra coisa. Outra observação recente pode servir para demonstrar a atenção cuidadosa que tanto o pai quanto a mãe davam para Alice. Também ilustra o interessante pensamento de duas trajetórias por parte da sua mãe, a qual mostrou a capacidade de mantê-la na sua mente, justamente no momento em que Alice segurou a xícara, enquanto também prestava atenção para alguma outra coisa.

"A mãe colocou um caminhão de brinquedo cheio de sucritos na frente de Alice. O caminhão obstaculizava minha visão, porém eu acho que Alice pegou um sucrito e o colocou num carrinho pequeno. O pai e Andrew então, juntaram-se a nós. A mãe notou que Alice tinha o nariz correndo e o limpou. Alice moveu sua cabeça para ambos os lados, tentando evitar a limpeza. A mãe então orgulhosamente disse para o pai que Alice podia limpar seu nariz e comentou como ela era esperta por ser capaz de distinguir entre seu nariz e sua boca. A mãe pediu para ela soprar o nariz, segurando o lenço no seu rosto. Alice sorriu, condescendeu e sem vacilar pareceu contente consigo mesma. O pai disse: "Ela sabe quanto está sendo esperta". Alice continuou brincando de puxar seu carrinho no chão e segui-lo de joelhos. Pegou, então, outro sucrito do caminhão, porém o deixou cair tão logo Andrew lhe chamou a atenção. Alice começou a olhar ao redor no chão, aparentemente à procura do seu sucrito. A mãe, que estava conversando com o

pai, subitamente disse para Alice: "Estás procurando pelo teu sucrito?" Neste momento, Alice levantou-se e caminhou em direção a sua mãe".

Note como tanto o pai quanto a mãe enfatizam a nova aquisição de Alice; o pai ainda vai mais longe quando demonstra que não está interessado somente no seu novo e esperto aprendizado, ele está interessado no seu estado mental que diz respeito à sua esperteza. Ele sabe que ela está sendo esperta, porém ele também sabe que ela sabe que está sendo esperta (ação mental no primeiro sentido). Esses são pais interessados, compreensivos, porém o que impressionou o observador, além disso, foi a capacidade da mãe de saber que Alice estava procurando pelo seu sucrito, apesar do fato de que a atenção da mãe estava voltada para o seu marido nesse momento. Ela foi capaz de manter sua mente voltada tanto para seu marido quanto para sua filha. É bastante provável que a impressionante capacidade de Alice para aprender e, em particular, de gerenciar dois tipos de pensamentos ao mesmo tempo se deva, em grande parte, a duas coisas: por um lado a capacidade de seus pais para lhe dispensar atenção cuidadosa quando ela estava inteiramente no primeiro plano das suas mentes; porém também à sua capacidade, quando outros objetos demandavam sua atenção, para manter Alice no "segundo plano" das suas mentes (ação mental no segundo sentido).

Jerome Bruner (1968) também descreveu um tipo de desenvolvimento cognitivo, o qual chamou de capacidade para "pensar entre parênteses", ou para manter alguma coisa na reserva. É fascinante observar o desenvolvimento desta capacidade em crianças autistas e psicóticas que anteriormente não pensavam, e também em crianças cronicamente depressivas e carentes, e ver quando começam a ser capazes de pensar e de acreditar no pensamento. Essa aquisição, portanto, não é puramente cognitiva e pode guardar alguma relação com o desenvolvi-

mento na criança, de uma fantasia ou da expectativa de um mundo disponível, consistente e farto. Isto é, a percepção da criança de que eu "posso fazer ou ter alguma coisa", pode estar relacionada com a percepção de que eu "estou na companhia de um objeto capaz de fazer ou capaz de ter"; e ainda, talvez, um objeto que esperará para que eu o possua completamente ou que o investigue por inteiro e, além disso, fica contente em esperar – como se fosse entre parênteses – enquanto eu me interesso por alguma outra coisa.

Num estudo estritamente cognitivo, porém fascinante, Bruner observou o desenvolvimento característico de bebês recém nascidos de ter atenção de única trajetória, com a qual podiam ou somente succionar ou somente olhar, até alcançar a capacidade de coordenar duas trajetórias aos quatro meses, quando podiam fazer mais, ou menos, ao mesmo tempo [no início, no primeiro estágio, fecham os olhos quando succionam; no segundo estágio começam a ser capazes de alternar a sucção com o olhar; no terceiro estágio agem delicadamente no momento da sucção, ocupando-se numa sucção não nutritiva enquanto olham para alguma coisa (a gente imagina que esta alguma coisa possa ser o rosto da mãe!)] . Bruner (1968: 18-24, 52) denomina este terceiro estágio como "manutenção do espaço"⁷ e descreve uma observação sobre o movimento ulterior, que vai desde três a até uma maior multiplicidade conceptual: o experimentador alcança à criança um brinquedo e imediatamente alcança-lhe um segundo brinquedo. Com aproximadamente 7 meses, o bebê atira o primeiro brinquedo, pega o segundo com a mesma mão, e leva esse até sua boca e esquece o primeiro. Com doze meses a criança é capaz de colocar o segundo brinquedo na sua mão livre, porém se lhe é oferecido um terceiro, ela larga um dos dois primeiros. Pode lidar com dois, porém não

com três objetos. Com aproximadamente um ano e meio, quando lhe é oferecido um terceiro brinquedo, a criança não deixa mais cair nenhum coloca um dos brinquedos embaixo do braço, e portanto tem uma mão livre para pegar o terceiro brinquedo. Pegará então mais brinquedos da mesma maneira. Bruner destaca que a criança evoluiu desde o limite de um, definido pela boca, passando pelo limite de dois, definido pelas mãos, até chegar ao limite de muitos, definido por uma reserva (ou "guardar o lugar").

Bruner não discute sob quais condições este sentido de reserva pode ser facilitado ou impedido, mas os psicanalistas têm sugerido que a mudança de relacionamento de duas para três pessoas pode desempenhar um papel no desenvolvimento desse tipo de numeração mais profunda (Klein, 1923; Britton, 1989). O trabalho brilhante de Trevarthen (1978) sobre os passos do desenvolvimento envolvidos no movimento desde a intersubjetividade primária até a secundária – na qual o bebê é capaz de fazer intercâmbios com o seu cuidador quando brinca com um brinquedo – é também relevante, apesar de que ele, como Bruner, está menos interessado na parte que o cuidador pode desempenhar para facilitar estes desenvolvimentos.

Claramente, como têm mostrado as observações e pesquisas com crianças pequenas, é vital a relação entre a mãe e o pai do bebê, bem como o grau de apoio que a mãe recebe por parte dos avós e de figuras internas. Uma criança empobrecida emocionalmente, entretanto, pode estar empobrecida tanto ao nível microcômico quanto macrocômico, de forma que necessitamos também estudar os padrões temporais iniciais da interação entre a mãe e o bebê. Quão estável é, por exemplo, o olhar da mãe enquanto seu bebê olha para ela e para longe dela (Fogel, 1977)? Isto é, como se constrói o sentido de um objeto permanente? Qual é a disponibilidade do cuidador para seguir a

7 Place-holding, no original (nota da revisão da tradução).

trajetória do olhar do bebê e importar-se com seus interesses? Por quantos segundos a mãe pode manter seu interesse no bebê e nos interesses dele? Os pesquisadores sugeriram condições sob as quais a dimensão máxima da atenção de um bebê para um objeto em particular poderia ser prolongada (Stern, 1977; Brazelton, 1974). Poderíamos especular que a atenção do bebê para dois objetos ao mesmo tempo (isto é, interessar-se pela mãe como pano de fundo, e deixar-se atrair pelo magnetismo exercido pelo novo objeto em primeiro plano), poderia ser facilitada pela habilidade da sua mãe para esperar a volta da atenção do bebê para ela – isto é, pela aceitação das suas duas trajetórias. O bebê aprende a aceitar o interesse da mãe pelos objetos – pai, irmãos, trabalhos caseiros, o telefone – porém ela, por sua vez, aprende a aceitar e respeitar a curiosidade do bebê em coisas e pessoas além dela mesma.

Bruner mesmo (1986), alguns anos posteriores ao seu estudo, disse que David Krech costumava induzir às pessoas para "perfink" – perceber, sentir e pensar⁸ – ao mesmo tempo. Urwin (1987) criticou os pesquisadores cognitivos por entender a emoção como diminuindo ou acelerando a cognição enquanto que ela, assim como o psicanalista Bion (1962), sugere que a emoção entra dentro da própria estrutura da cognição. Poderá a percepção ser capaz de segurar alguma coisa na reserva, implicar numa fantasia mental de um objeto que ficará exatamente onde está, como se fosse embaixo do braço da sua mente? Esperará esse brinquedo, pessoa, ou pensamento que você volte para ele? Ou desaparecerá? Esta capacidade de manter firmemente diferentes margens de pensamentos ao mesmo tempo, pode também depender, em alguma extensão, da fase anterior – uma única trajetória – na qual se dá tempo para que cada pensamento ou experiência seja explorado

completamente, tanto pelo bebê quanto pelo cuidador. O desejo é, em grande medida, exercido sobre um objeto desejável ou talvez desejante (seria errado, portanto, insistir em que o papel do cuidador real é o único fator neste desenvolvimento. Já é sabido que alguns bebês nascem com uma capacidade maior de modelar seu universo e de chamar a atenção da pessoa que o cuida do que outros. Porém, parece, de fato, que as duas mães dos bebês abaixo descritos, tiveram noções muito diferentes de reserva. É preciso dizer que a seleção do material resultou em algumas drásticas simplificações).

Ambos os bebês eram primogênitos e foram observados por observadores femininos. Foram observados durante uma hora por semana, em casa, junto com a principal pessoa que cuidava deles, durante um período de dois anos.

OBSERVAÇÃO DE PAUL

Os pais de Paul eram pessoas que tinham uma profissão, com uma idade média de 35 anos. O pai, os avós paternos e maternos deram à mãe um apoio considerável com o bebê. Durante a primeira observação em casa, a senhora J. falou longamente com a observadora sobre sua ansiedade e incerteza acerca de sua capacidade de ser uma boa mãe. Ela parecia sensível e muito preocupada com o bem-estar do seu bebê. Na segunda semana de observação, ela demonstrou uma preocupação, comum em muitas novatas, sobre se teria leite suficiente. Ela acrescentou, sem que isso parecesse estranho, que a sua súbita decisão de suplementar o leite materno com mamadeiras foi provavelmente o resultado do seu pânico. Essas atitudes de desculpas para suas próprias ansiedades diminuíram logo, infelizmente, e ela começou a criticar a todos, incluindo o bebê, que se atrevessem a despertar sentimentos de ansiedade ou falha nela. Ela ainda era terna e carinhosa quando o bem-estar de Paul a

⁸ perfink: PERceive, Feeling, thINK (nota da revisão da tradução).

gratificava ou tranquilizava, porém no décimo sétimo dia, quando a observadora estava certa de que Paul estava sugando contente o seu peito, a mãe disse, com dificuldade, que ele estava "somente lambendo, somente brincando". Quando sentiu que ele estava fazendo de novo, ela reclamou com algum desgosto do cabelo de suas orelhas. Em observações posteriores, ela advertiu-o para não fazer "caretas" quando Paul estava muito concentrado em sugar ou defecar. Quando seu lábio caía, ou sua cabeça recostava-se, ela lhe dizia que era "feio". Perguntamos quem ou o quê Paul poderia ter lhe lembrado no seu grau de desamparo infantil perfeitamente comum e natural. Nunca foi esclarecido.

Paul começou a recusar o peito quando este era oferecido antes da mamadeira, tendo sido desmamado completamente aos dois meses e meio, quando passou a receber somente mamadeira. "Ele virava a cabeça e não tinha nada que eu pudesse fazer a respeito", disse sua mãe, desapontada, à observadora; então ela acrescentou: "Não importa. É ainda mais fácil agora. Eu estou mais livre, porque qualquer um pode dar a mamadeira para ele". Porém existiam sinais de que ela se importava, sim, com o fato. Isso certamente afetou sua imagem sobre si mesma e a fez ainda mais crítica. Paul, porém, parecia determinado a trabalhar duro para manter a atenção da sua mãe e agradá-la. Ele tinha uma grande capacidade de procurar os olhos da sua mãe, e de se engajar com ela de uma forma sorridente. Ela, às vezes, respondia profundamente às suas comunicações amorosas, porém sempre efemeramente: ela interrompia de repente, parece um pouco perdida, dizendo: "O que faremos?", ou "O que você quer?" de forma que o mundo por um segundo parecia estar cheio de possibilidades para ambos, de repente ficava vazio. A própria crença da mãe num objeto que poderia ser de interesse duradouro parecia estar tragicamente prejudicado. Meses mais tarde, suas súbitas desapareções começaram

a ser mais ativas e decisivas: ela simplesmente saía e fazia um telefonema. Ela quase sempre segurava o bebê longe de si quando lhe dava a mamadeira, apesar dos protestos e súplicas da sua própria mãe sobre isto.

Quando Paul tinha aproximadamente 3 meses, a senhora J. pareceu ainda menos sensível: ela desenvolveu uma atitude sarcástica, e por vezes cruel pelos seus protestos vocais, agora levemente mais fortes e pela sua maior motricidade. A observadora começou a descrever Paul como freqüentemente estando num estado de desânimo, com seus olhos vidrados percorrendo tudo ao seu redor. Ele começava a reclamar quando era deitado no seu carrinho por tempo indeterminado, porém logo se aquietava quando ouvia a voz ameaçadora e fria de sua mãe. Ela olhava para baixo, para ele, e mantinha-o no seu lugar. O que tinha começado como uma inibição medrosa da sua parte transformou-se numa apatia negligente, como se ele estivesse rendendo-se. No seminário onde as observações foram discutidas, começamos a temer que Paul estivesse em perigo de uma espécie de morte psíquica.

Aos 4 meses ele mordida suas mãos ferozmente e tentava empurrar brinquedos pela garganta abaixo. Uma observação, aos 4 meses e 3 semanas é bastante representativa do que veio a acontecer nos meses seguintes:

"Quando eu chego, a atmosfera está tensa; a mãe diz "Ele está incomodando porque não dormiu esta tarde" (são 18h15min). Paul está pálido, tem aros ao redor dos seus olhos, e uma expressão triste. Ele não responde quando eu digo alô. Nós vamos para a sala e sua mãe o senta no seu colo, de costas e longe dela. Paul tende a cair repentinamente para a frente, a saliva escorre da sua boca semi-aberta, suas mãos estão penduradas. Seu olhar está um pouco perdido, seus olhos fitam à frente. De vez em quando ele olha para cima e ao redor, e às vezes seus olhos encontram-se com os meus. Ele comunica uma profunda depressão. Por um momento

há silêncio. A mãe está lá sentada e parece não saber o que fazer com o bebê, com o tempo na frente dela, comigo. Dá-se início, então, a uma breve conversa. A senhora J. manifesta que não está satisfeita com seu marido, o qual não fica o tempo suficiente em casa, não cuida das plantas da sacada e não compartilha as tarefas da casa com ela. Paul dá um "i i i h" de desconforto. Ele mexe-se um pouco no colo da sua mãe, sacudindo suas mãozinhas. Sua mãe o senta no sofá, ao lado dela. "Ele não está de bom humor porque ele não tem dormido muito", ela repete. "Então a tarde fica muito longa e ele fica aborrecido... Não é hora de te alimentar agora, só às quinze para as oito", ela diz, voltando-se para o bebê que tinha dado um outro "i i i h". Ela continua a falar comigo; eu escuto com atenção, observando o bebê. Ela diz que ontem visitaram uma amiga que recém tinha ganhado gêmeas. Ela está desapontada com Paul, o qual passou o tempo todo com alguns retalhos vermelhos de fechar tampas de potes, ao invés de se mostrar interessado nos bebês; ela queria que ele as conhecesse, já que iriam para a mesma creche. Paul começou a dar seus "i i i h" novamente. Ele se mexe um pouco no sofá. "Fico me perguntando o que ele quer nos dizer", eu digo. "Nada", responde sua mãe, "Ele só está incomodando porque não dormiu". O bebê dá um "i i i h" mais alto. "Aqui está, esta é a nova coisa que aprendeu há dois dias atrás, ele aprendeu a chiar!", comenta sua mãe, abafando o riso. Paul, que voltava sua cabeça de vez em quando para mim, agora fita-me por um longo tempo. Eu sorrio para ele e digo: "Olá, Paul". Ele continua olhando para mim. Tenho a clara sensação de que ele está esperando que eu fale de novo com ele. Sinto-me numa posição difícil. Sorrio de novo. Digo umas poucas palavras para ele. Paul me olha de novo por um momento, depois volta-se para sua mãe e diz "eh! eh!", agitando suas mãozinhas. "Sim, eh?", ecoa sua mãe, "O que queres dizer? Eh? Não estás confortável? Vamos mudar de posição?". Ela o senta num canto do sofá e olha para ele em silêncio por um momento. Paul escorrega para uma posição inclinada. Sua mãe ri e o puxa para cima. "Você sabe que ele tem pesadelos agora?" ela acrescenta, em um tom um tanto coloquial, "Ontem à noite ele acordou duas vezes... A melhor coisa é dei-

xar ele lá com seu bico... Talvez ele tenha comido muito e não fez a digestão apropriadamente".

Foi muito doloroso para a observadora e o grupo do seminário testemunhar a depressão desta mãe, seu cinismo, e suas dificuldades para enxergar as necessidades de Paul. Paul necessitava desesperadamente ser entretido. Ele queria atenção, um pouco de conversa, uma brincadeira. A senhora J., porém, sentia-se vazia e perdida. Dava a impressão de que ela não conseguia acreditar de que ela mesma poderia ser o principal objeto de interesse – e um dos interesses duradouros – para o bebê. Ela terminou impedindo ativamente que Paul mantivesse contato com ela. Ela segurou-o de costas para ela, e não parecia consciente da luta do bebê para reaver seu rosto, seus olhos, sua atenção. O comentário da observadora, no sentido de ajudar a restabelecer a comunicação, passou despercebido. A mãe sentiu-se desapontada e irritada, tornou-se sarcástica, minimizou e zombou da aquisição do bebê (seu "chiado"). Após um momento, talvez ajudada pelo fato de que a chamada do bebê tinha uma qualidade diferente, transmitindo mais vida e interesse para ela e, talvez porque foi capaz de identificar-se um pouco com a "conversa" da observadora com o bebê, a mãe foi capaz de ser mais amável com Paul: ela queria que ele sentasse mais confortavelmente. Cuidou dele por um momento, mencionou seus pesadelos. Mais tarde, porém, na mesma observação, a mãe estava contando para a observadora sobre o fato de que conversar com Paul era divertido, atualmente ele parecia responder, existiam diálogos reais:

Ela é interrompida por um estridente "i i i" de Paul, que ficou inclinado no canto do sofá e estava escorregando para abaixo. A mãe faz um gesto de impaciência. "O que queres, eh? o que queres?", ela pergunta num tom áspero, "Vamos tomar um banho, vamos? eh? É isso que queres? Será que te dou um banhozinho?" O tom é falsamente amável e brincalhão; contém uma forte nota de amea-

ça. O bebê cai no silêncio. Sua mãe diz para mim, rindo, "O banho o aterroriza. Ele morre de medo", e mais alguma coisa que perdi porque estava muito preocupada com meus sentimentos. Paul profere um débil lamento. Sua mãe diz, "Você quer olhar para as suas mãos? Vamos, olhe para suas mãos por um tempo". Ela explica para mim que ele aprendeu a colocar o polegar na sua boca, algumas vezes os dois polegares ao mesmo tempo. O bebê, de fato, está fazendo isso. Sua mãe comenta: "Oh que conforto! Que conforto é seu polegar! Você tem dois, você pode sugar um e depois o outro!". Paul com seu polegar na sua boca, tenta voltar-se para sua mãe. Não consegue, faz um som de protesto e agita seus braços e pernas numa tentativa de movimentar-se como queria, ele choraminga, esfrega seus olhos e irrompe em choro. "O que você quer?", diz sua mãe, "Você está inconsolável? Vamos, senta assim". Ela o senta de novo, de forma apropriada no seu colo, de costas para ela, coloca as mãos dele em suas pernas, onde ele as possa ver e cruza suas próprias mãos sobre o estômago de Paul, de forma a mantê-lo quieto. Quando Paul tenta mover-se, ela pressiona sua barriga com suas mãos. O bebê desiste de tentar quase imediatamente, fica em silêncio, fita à frente. Seu olhar torna-se triste e vazio. "Não é melhor assim? Você sempre se acalma quando o coloco assim, não é?", sua mãe diz para ele.

Este material é quase insuportável de se ler. A mãe de Paul quer um bebê vivo e inteligente, porém não pode resistir a desencorajar suas iniciativas. Ela rejeita seu interesse por ela e quase o força a uma imobilidade física e a um vácuo mental. O resultado parece ser uma terrível perda de iniciativa e eficácia, uma espécie de minar seu desejo. Durante a observação toda, pairava no ar uma atmosfera depressiva e persecutória, impedindo a mãe de fazer as coisas certas e a observadora de servir de alguma ajuda. A observadora sentiu que qualquer coisa – silêncio, palavras, fazer, não fazer – podia ser sentido como persecutório e, desta forma, rejeitado ou desvalorizado. Era doloroso para a observadora ver a expressão estupefata de Paul, e esta mãe fazer esforços para

encontrar um caminho para chegar ao seu bebê; falhar, e então endurecer consigo mesma. Isto conduziu a comportamentos mais desdenhosos e até mais cruéis para com o bebê, nos quais com frequência ela buscou algumas vezes sentia um pedido mudo na expressão triste do bebê, para o qual somente podia responder de maneira mínima, devido ao seu papel de observadora e à luz da competitividade e suscetibilidade da mãe. Ela tentou de várias maneiras práticas ajudar esta mãe deprimida, narcisista e controladora a chegar perto do seu bebê, incluindo sugestões sobre onde ela poderia conseguir informação e ajuda, quando a mãe eventualmente demonstrava preocupação sobre o desenvolvimento mental de Paul. Porém, tudo isto foi rejeitado. Nós estávamos cientes de que Paul estava perdendo seu desejo de causar impacto no seu mundo, porém começamos a temer de que perdesse a razão, também – que a depressão e desesperança pudessem se transformar em apatia inconsciente e retraimento autista.

Ainda assim, nem tudo estava perdido. A senhora J. algumas vezes parecia sentir-se aliviada pelo fato de que alguém, na sua presença, estava cuidando do bebê e seu relacionamento com Paul era, portanto, intermediado à distância. O bebê parecia um pouco mais feliz, também. Na mesma observação, por exemplo, vimos as coisas irem melhor com a chegada do pai.

"Primeiro o pai fala com a mãe, e o bebê, deixado só consigo, inclina-se para a frente com uma expressão triste, estupefata e com saliva escorrendo. Então o pai o levanta, caminha e fala com ele. Canta canções de ninar que normalmente faz especialmente para ele. Paul começa a sentir que existe novamente; ele volta à vida, diz "ghee". Pouco a pouco, ele começa a explorar os arredores com os olhos novamente. A mãe está mais relaxada. Ela sorri para ele do sofá e diz "Alô" num tom amoroso. Após um primeiro momento, no qual ele se recusa a olhar para ela, encorajado pelo pai, Paul volta-se e sorri. A mãe está contente e o cumprimenta de

novo. O pai está aliviado e exclama: "Oh, um sorriso finalmente!".

Recuperações similares foram observadas quando a avó estava presente.

Infelizmente, apesar de haver dois pais presentes para Paul neste momento, raramente se sentia de que ambos estivessem completamente presentes para ele. Pelo menos, durante tais episódios com seu pai ou um dos avós, Paul tinha, finalmente, a atenção de uma pessoa, enquanto sua mãe se fazia presente como uma testemunha amiga. Essa tríade, tal qual existiu, foi uma pálida sombra do que veremos na próxima observação. As dificuldades na personalidade da mãe parecem ter sido profundas e a ajuda dos familiares não conseguiu diminuir muito seu cinismo e tédio. Ela logo começou a se ressentir da falta de sua vida passada. Ela reclamou de que "não tem graça" ser mãe e de que ela somente poderia sê-lo "em pequenas doses". A maternidade foi desvalorizada e, com frequência, fazia-se referência a Paul como um pequeno animal (sapo, tartaruga), como se ele não tivesse necessidades ou sentimentos e, portanto, pudesse ser deixado à sua própria sorte por longos períodos. Não muito depois do relatório destas observações, ele começou a fazer uso de movimentos repetitivos para cima e para baixo, numa espécie de auto-contenção muscular, além de o ato de morder suas mãos também ter piorado. Começou a bater em si mesmo. Ele era com frequência colocado no chão para brincar sozinho e engajava-se numa atividade de qualidade repetitiva; sentava-se e simplesmente agitava um brinquedo de forma monótona. Também tinha muitos momentos de imobilidade e passividade.

Aos 7 meses, a necessidade da mãe ansiosa, porém intimidadora, de controlar e limitar as iniciativas de Paul estendeu-se para seus intentos de segurar sua xícara e também para suas tentativas de aventuras físicas e de exploração. Ela reclamou que ele estava no nível mais baixo de desenvolvimento e tentou "ensiná-lo" a rolar (a maio-

ria dos bebês aprendem sozinhos a rolar, porque o mundo acena do outro lado. Paul tinha relativamente pouco pelo qual empenhar-se, e de qualquer maneira, pouco acreditava na sua capacidade para consegui-lo). Sua mãe interpretou seu sucesso em alcançar um cubo vermelho brilhante numa torre que ela tinha colocado para ele somente como um desejo de derrubá-la. Com frequência sentia-se frustrada pela apatia dele, porém não podia ajudar a mudá-la. Qualquer percepção de si mesmo como um agente ativo no seu mundo parecia terrivelmente prejudicada. De muitas maneiras, ele parecia ter desistido de tais idéias. Ele estava convertendo-se num pequeno "Oblomov".

Ainda assim, aos 9 meses, depois das férias familiares e algum melhoramento da capacidade motora de Paul e na sua habilidade para entender (ou melhor, na crença da sua mãe de que entendia), a senhora J. fez algo mais interessante com ele: fez dele uma espécie de pequeno aluno. Seu marido foi mais prestativo e condescendente com Paul do que ela, mas ele estava sempre muito ocupado, e eles alternavam o tempo de cuidado, ao invés de estarem os dois juntos com ele. Da mesma forma, tanto o pai quanto os avós tratavam sua frágil e exigente esposa com grande cuidado e nunca a contrariavam. De fato, todos pareciam ter medo dela. Numa ocasião, quando Paul tinha 16 meses, ele deu a entender que desejava chegar perto de umas flores na sala. A mãe o levou até elas, nos seus braços, insistindo: "Não toca, somente olha!", e então imediatamente tentou que ele nomeasse a cor amarelo brilhante da flor mimosa. Como sempre, ela estava inclinada a conseguir dele a resposta que queria, ao invés de respeitar seu pedido espontâneo, porém, como de costume, exigindo muito gentilmente. Quando ele conseguiu se aproximar do próximo vaso, tocar um botão de pêssego e, sem querer derrubou-o, ela disse: "Não derrubes todas as flores, os cabinhos nus ficarão muito feios". Existe aqui, possivelmente, um reflexo do

que pode estar por trás da sua crueldade e dura impaciência. O mundo não era capaz de reabastecer-se. Não existia reserva: realmente pareceu que ela pensava que nunca mais existiriam brotos de pêssego no universo. Neste estágio, ela não podia ser uma testemunha paciente para as explorações de Paul: ou ela interferia impacientemente, ou o abandonava para que continuasse por si próprio.

Logo em seguida que retornou ao trabalho, ela começou a ficar mais animada e capaz de desfrutar algumas das explorações independentes de Paul pela casa. Por exemplo, ela permitiu que ele tirasse livros da prateleira e os olhasse. Ela gostava de lhe "ensinar", e na maior parte das vezes ele aprendeu a nomear as coisas, sempre olhando imediatamente para cima, para ela, procurando elogio. Ela trabalhou duro para ensinar os números a ele. Pode existir aqui uma lição dolorosa na diferença entre o que é numeração e o que é sentido de uma multiplicidade mais profunda, de algo disponível na reserva, de um universo abundantemente pleno (quando a observadora deu para Paul um elefante de brinquedo como presente do seu primeiro aniversário, a mãe disse, descartando-o: "Ele já tem dois"). Ela nunca conseguiu reconhecer senão com desprezo a abundância de outros, como o apoio dos seus pais e do seu marido, pois pareciam não enriquecê-la, ameaçavam sua autonomia, ou alguma coisa mais sob sua atenção.

Ainda assim, ficou claro que Paul empenhou-se para emergir da sua prévia indiferença e não acabou severamente privado. Ele encontrou um caminho para chegar até sua mãe, e ela para chegar nele, até certo ponto. Era duro dar-se conta de que ele aprendeu muito por si próprio ou para seu próprio bem. Agora, ele estava quase sempre em movimento, e suas ansiedades, às vezes, transbordavam. Ele estava regularmente desatento quando sua mãe ia para o trabalho. Segurava desesperadamente sua xícara na hora de comer, como se não acre-

ditasse que ela estivesse vindo realmente para ele e que fosse dele, nem que fosse somente por um momento. Nunca vimos o tipo de jogo exploratório que veremos no próximo bebê. E certamente não tínhamos muito tempo para refletir.

Quando, aos dez meses e meio de idade, Paul foi para uma creche, estava tão angustiado e com frequência fisicamente doente, que o pessoal da creche sentiu que ele não poderia ficar e solicitou à sua mãe para ficar com ele em casa. Ela negou-se. Porém, como já foi apontado, Paul encontrou uma maneira, apesar de sua qualidade estreita e de uma única trajetória: aprendeu a nomear objetos, a contar e trabalhou muito duro para agradar. Apesar de claramente ter-se beneficiado do carinho dos seus amorosos avós, não parecia sentir-se rico e abençoado quanto à percepção do sentimento que teve como aconteceu com o próximo bebê, o qual tinha muitos cuidadores amorosos. Ao invés disso, assim como o resto da sua família, que parecia idealizar e temer (e possivelmente temiam por) sua mãe, Paul comportava-se a maior parte do tempo como se realmente existisse somente um poderoso objeto em seu mundo interior, objeto este que na verdade estava precariamente disponível e era absolutamente perigoso. A segurança, quando havia, era também precária e de vida curta, e nunca durava o suficiente para se manter durante as separações, ou mesmo durante um período de jogo exploratório. Não existia nenhum sinal de relaxamento, ou de refletividade brincalhona que veríamos no próximo bebê.

É também verdade que, ao nível mais microcômico dos breves encontros, segundo a segundo, sua mãe não esperou que Paul se engajasse completamente com ela ou com um brinquedo; também não esperou e não olhava com interesse quando o interesse de Paul mudava para alguma coisa ou para alguém. Ela tomava estas situações como uma oportunidade para escapar. Paul parecia estar se desenvolvendo com uma crença

prejudicada na durabilidade da existência do seu objeto e na sua própria habilidade para prolongar sua estadia, ou para trazê-lo de volta quando este se ausentava. Existiam muitos sinais, na qualidade limitada e cuidadosa do seu jogo, acrescentada ao efeito óbvio na sua confiança e na sua vida emocional, de que houve também uma deterioração nas suas capacidades cognitivas. Suas ansiedades pareciam fazer com que todas as atividades, com exceção das mais cautelosas, fossem de vida curta e tivessem ausência de potencial para o desenvolvimento (veja Murray sobre o efeito da depressão materna pós-natal na cognição dos bebês e das crianças, 1991).

Faremos um relatório muito mais curto do terceiro bebê, e agradecemos à Dra. Pia Massaglia pela permissão para usar este material.

OBSERVAÇÃO DE ANGELA

Os pais de Angela trabalhavam numa fábrica quando ela nasceu, conforme informaram à observadora. Muito mais tarde ela soube que eles eram engenheiros. No hospital, quando Angela tinha 3 dias, a mãe disse para a observadora que ela tinha notado que Angela alternava sorrisos com franzimento das sobrancelhas: "Ela vai de pensamentos maravilhosos até horríveis no espaço de um segundo". Em casa, o pai comentou que o bebê estava nervoso e meditou sobre a idéia de que a sua casa deveria ser para ela muito diferente do hospital. Ele tinha a esperança de ela o esqueceria! Note-se de que o bebê já é visto como tendo pensamentos, sentimentos e sensibilidades agudas – as mesmas sensibilidades e instabilidades às quais um bebê muito novo está propenso. E os pais pareciam já ter o sentido de que as coisas levam tempo. Esta mãe, como a de Paul, também tinha ansiedades sobre se teria suficiente leite, e por um tempo esteve bastante obsecada sobre a limpeza e os horários de alimentação; porém na segunda semana ela

disse que aprendeu que os barulhos e estímulos do bebê à noite não indicavam insatisfação, portanto ela parou de vigiá-la o tempo todo. Além disso, disse que achava que o bebê agora a seguia mais com seus olhos. Podemos notar a capacidade desta mãe de restabelecer a confiança e o orgulho em aprender alguma coisa sobre seu bebê, e também o sentido de respeito pela competência e ação do bebê e por si própria. Já temos aqui, pelo menos, duas figuras em cena, cada uma com competência e espaço reconhecido para si próprias.

Aos 35 dias, a mãe relatou como Angela não parecia capaz de pegar o chocalho por si própria, porém podia segurá-lo se a mãe a ajudava, colocando-o em sua mão. Num dado momento ela disse para Angela: "Você gosta de seu amigo, o relógio pêndulo, não é?", e então virou Angela de forma tal que pudesse vê-lo melhor. Numa observação posterior, na hora da alimentação, a mãe mostrou alguma irritação e ciúme pelo interesse do bebê e aparente preferência pelo seu "amigo" pêndulo, antes de terminar a primeira metade do alimento, porém aceitou o desafio, não insistiu para que o bebê terminasse, e ofereceu-lhe algo diferente, possivelmente um alimento mais tentador. Um acordo oferece uma terceira opção entre duas facções guerreiras. Uma mãe que espera enquanto você expressa um interesse por alguma outra coisa está "permanecendo na reserva" de um modo muito significativo, e esta é uma experiência emocional e, talvez, também uma experiência cognitiva. Aprendemos que a mãe pode também aceitar os protestos cada vez mais ativos de Angela. Aos quatro meses e meio, a mãe relatou à observadora que Angela tinha começado a passar alguma coisa de uma mão para a outra! De fato, Angela tornou-se um bebê muito avançado.

É preciso acrescentar que o sentido de fontes de reserva estava muito presente em ambos avós de Angela e no seu pai, todos os quais eram pacientes, porém não indulgen-

tes com a criança. Aos 6 meses quando a mãe estava pronta para começar a trabalhar novamente, e a avó materna seria sua cuidadora regular por várias horas do dia, a mãe de Angela ofereceu à avó materna a oportunidade de alimentar o bebê com fruta. A avó respondeu: "Você dá para ela, eu terei muito tempo". Aos 8 meses a mãe tentou mostrar para Angela como se deslocava seu novo trem de brinquedo. Então ela comentou: "Você não está interessada no seu movimento, você descobriu que ele faz barulho. É seu brinquedo, use-o como você quiser". A observadora notou que Angela, que era uma criança viva e florescente – pouco tinha sido dito até agora sobre sua personalidade, a fim de concentrar-mo-nos nos elementos cognitivos/emocionais – tinha o que o psicólogos chamam de "conceito de extensão" e era capaz de puxar uma toalha de mesa para alcançar um brinquedo distante que estivesse sobre a toalha. Os pais de Angela estavam com ela com frequência, e ambos estavam tremendamente interessados nela. Para eles parecia que o mundo era interessante e seu mundo era interessante. Justamente aos 10 meses, o pai disse para a observadora que: "Quando Angela segura as chaves de plástico numa mão, ela imediatamente as coloca noutra mão, e então ela mostra a mão vazia, e segura as chaves!" (ele sorriu na última frase).

BIBLIOGRAFIA

- Alvarez, A. (1992) *Live Company: Psychoanalytic Psychotherapy with Autistic, Borderline, Deprived and Abused Children*, London: Routledge.
- Bion, W. R. (1962) *Learning from Experience*, London: Heinemann.
- Bowlby, J. (1969) *Attachment and Loss*. London: Hogarth.
- Brazelton, T.B. Koslowski B. Main, M (1974) 'The origins of reciprocity: The early mother-infant interaction', em M. Lewis e L. A. Rosenblum (eds) *The effect of the Infant on its Caregivers*. London: Wiley Interscience.
- Britton, R. (1989) 'The missing link: parental sexuality in the Oedipus complex, em *The Oedipus Complex to-day: Clinical Implications*'. London: Karnac.
- Broucek, F. J. (1979) 'Efficacy in infancy: a review of some experimental studies and their possible implications for clinical theory', *Internat. J. of Psycho-anal.* 60: 311-316.
- Broucek, F. J. (1991) *Shame and the Self*, London: Guildford.
- Bruner, J. S. (1968) *Processes of Cognitive Growth: Infancy*. Clark Univ. Press, U.S.A.
- Bruner, J. S. (1986) *Actual Minds, Possible Worlds*. Cambridge, Mass: Havard Press.
- Fonagy, P., Steele, M., Steele, H., Moran, G. S., and Higgitt, A. C. (1991) The capacity for understanding mental states: the reflective self in parent and child and its significance for security of attachment. *Infant Mental Health Jnl.* 13, n. 3.
- Fogel, A. (1977) 'Temporal organization in mother-infant face-to-face interaction', em H. R. Schaffer (ed) *Studies in Mother-Infant Interaction*, London: Academic Press.
- Freud, S. (1920) 'Beyond the pleasure principle'. *Standard Edition XVIII*.
- Jonas, H. (1974) *Philosophical Essays* New York: Prentice-Hall.
- Klein, M. (1923) 'The role of the school in the libidinal development of the child', em *Love, Guilt and Reparation and other works*, London: Hogarth (1975).
- Klein, M. (1961) *Narrative of a Child Analysis*, London: Hogarth.
- Kohut, H. (1985) *The analysis of the self*. New York: Internat. Univ. Press.
- Main, M. (1991) Metacognitive knowledge, metacognitive monitoring and singular (coherent) vs. multiple (incoherent) model of attachment: findings and directions for future research. in P. Harris, J. Stevenson-Hinde, and C. Parkes (eds) *Attachment across the Life-Cycle* New York: Routledge.
- Murray, L. (1991) 'The impact of postnatal depression on infant development'. *J. of Child Psychol. and Psychiat.*
- Papousek, H. e Papousek M. (1975) 'Cognitive aspects of preverbal social interactions between human infants and adults,' em CIBA Foundation Symposium. New York: Association of Scientific Publishers.
- Reid, Susan (Personal Communication).

- Seligman, M. (1975) *Helplessness: on Depression, Development and Death* San Francisco, W.H. Freeman.
- Spitz, R. A. (1946) 'Anaclitic Depression', *Psychoanalytic Study of the Child*. 2.
- Stern, D. (1977) 'Missteps in the dance', in *The first Relationship: Infant and Mother*, Cambridge, Mass.: Harvard.
- Tompkins, S. (1981) 'The quest for primary motives: biography and autobiography of an idea', *J. of Personality and Social Psychol.* 41, 306-329.
- Trevarthen, and Hubley, P. (1978) 'Secondary intersubjectivity: confidence, confiding and acts of meaning in the first year', em: A. Lock, (ed.) *Action, Gesture and Symbol: the Emergence of Language*, London: Academic Press.
- Urwin, C. (1987) 'Developmental psychology and psychoanalysis: Splitting the Difference', Em: M. Richards, e P. Light, (eds.) *Children in Social Worlds*. Cambridge: Polity.

Unitermos: depressão em crianças, percepção de si mesmo, capacidade de pensar entre parênteses, sentido de abundância.

Tradução: Maria Mônica Enzweiler

Revisão da tradução: Cátia Olivier Mello